



Irradiar a independência do México para a população – Hidalgo ou Iturbide? Uma pedagogia cívica

Laura Suárez de la Torre

Tradução de Gabriela Pellegrino Soares
e Rafael Dias Scarelli



resumo

Este artigo lança luz sobre diferentes suportes impressos que se prestaram à construção de narrativas sobre os movimentos independentistas que deram origem ao México. Dos calendários aos catecismos, desde cedo se demarcou o terreno dos repertórios simbólicos que balizariam os cidadãos na transição para uma nova ordem.

Palavras-chave: México; calendários e catecismos; construção simbólica.

abstract

This article sheds light on different supports upon which the accounts on Mexico independence were built. From calendários to catecismos, from the very beginning we can follow the rise of references that would place citizens in the arising new order.

Keywords: México; calendários to catecismos; symbolic construction.

“É sabido que ao longo do século XIX ocorreram fortes embates entre historiadores, oradores, jornalistas, políticos e religiosos a respeito de a quem correspondia o lugar mais elevado no panteão da pátria. Após o intervalo centralista, cuja festa dedicada a Iturbide, em 27 de setembro, substituiu a do dia 16 de setembro, foram retomadas as homenagens a Hidalgo com os reformadores, referendadas com os pensadores positivistas, sendo consagrado como primeiro herói do México em 16 de setembro de 1910, nas festas oficiais do primeiro centenário de início do processo” (Terán, 2004, p. 25)¹.

Em 25 de setembro de 1821, apareceu um pequeno texto no periódico oficial que dizia: “Mexicanos: O exército *Trigarante*² que, com a rapidez de um raio, destruiu os obstáculos que se opunham ao sucesso da independência desta rica região, vai entrar na vossa cidade, a Corte do grande Império que formou. Seu entusiasmo patriótico é igual a sua bravura e seu valor, em tudo de acordo com sua subordinação e disciplina. Despreza os perigos, não lhe atemorizam os riscos, e a própria morte lhe foi agradável para conseguir a liberdade da pátria [...]. É composto em sua maior parte pelos soldados que vestes militar ao serviço do Governo Espanhol, que nem os vestiu em tempo oportuno, nem lhes pagou seus soldos [...]. A Pátria eternamente recordará que seus valentes

filhos lutaram desnudos para fazê-la independente e feliz; e vós, Mexicanos, não recebereis com os braços abertos a uns irmãos valentes que, em meio a inclemências, lutaram pelo vosso bem? Não empenhareis vossa generosidade em vestir os vossos defensores, de vossos bens, e

1 No original: “Es conocido que a lo largo del siglo XIX hubo fuertes contiendas entre historiadores, oradores, periodistas, políticos y religiosos sobre a quién correspondía el sitio más elevado en el panteón de la patria. Tras el intervalo centralista, cuya fiesta a Iturbide, el 27 de septiembre, desplazó a la del día 16 de septiembre, volvieron los honores a Hidalgo con los reformadores, se refrendaron con los pensadores positivistas y se consagró como primer héroe de México el 16 de septiembre de 1910, en las fiestas oficiales del primer centenario del inicio del proceso”.

2 O termo *trigarante* é uma alusão às três garantias que defendia o exército liderado por Agustín de Iturbide, religião, independência e união. (N. dos T.)

LAURA SUÁREZ DE LA TORRE
é professora do Instituto Mora (México).

que vos redimiram da escravidão tirando do vosso pescoço o jugo abominável que sufocou nossos antepassados, e que fazia de nós tão infelizes como eles foram?...” (*Gaceta*, 1821)³.

Dois dias mais tarde, esse exército desnudo e sem soldo, valente e patriota, que lutou pela liberdade, entrou vitorioso na Cidade do México⁴. As representações que se fizeram de sua entrada na capital mostram uma cara muito distinta daquelas em que apareciam as tropas luzindo suas melhores galas.

O importante é reconhecer que a entrada de Agustín de Iturbide (1783-1824) se converteu em um espetáculo esperado, entre vivas, salvas e arcos triunfais. Uniu ao seu redor os novos mexicanos

que exaltavam o realizador da independência, que o reconheciam como herói. A partir desse 27 de setembro, se iniciava um novo tempo e os agora mexicanos nutriam grandes expectativas para o novo país independente. A presença de Iturbide parecia eclipsar a dos primeiros caudilhos da luta insurgente e estabelecia uma nova visão da guerra pela emancipação.

Muitos foram os sinais visíveis de um novo tempo, como, por exemplo, a recepção a Iturbide na Cidade do México, reconhecendo-o como o consumidor da liberdade, ou a introdução da bandeira das três garantias (união, religião e independência), com suas cores, branco, verde e vermelho, simbolizando o nascimento do México, o início de outro tempo, com uma situação política nova, independente da *Madre Patria*. Tudo isso, logicamente, não era suficiente para refletir e fazer penetrar na população todo o significado do nascimento do México como nação independente. Daí que se possa dizer que uma série de elementos e práticas ajudou nessa empresa, que durou um longo tempo.

Para entender como se deu o processo de conscientização da nova realidade, *México*, é necessário perguntar-se como se foi incorporando entre os mexicanos o sentido de país independente, a mudança da denominação “Nova Espanha” para “México”, e o reconhecimento de novos símbolos que identificavam o novo país. Sem dúvida foi longo o processo que levou os mexicanos a se reconhecerem como tais e a entenderem a mudança de situação política que transferia da Coroa espanhola para o novo país as decisões sobre seu próprio caminho, independente. E os primeiros tempos dessa transforma-

3 No original: “*Mexicanos: El ejército Trigarante que con la rapidez del rayo destruyó los obstáculos que se oponían al logro de la independencia de esta rica región, va a entrar en vuestra ciudad, la Corte del grande Imperio que ha formado. Su entusiasmo patriótico es igual a su bizarría y su valor en todo conforme a su subordinación y disciplina. Desprecia los peligros, no le arredran los riesgos, y la misma muerte le fue gustosa por conseguir la libertad de la patria. [...] Lo componen en la mayor parte los soldados que visteis militar al servicio del Gobierno Español, el que ni los vistió en tiempo oportuno, ni les pagó sus alcances. [...] La Patria eternamente recordará que sus valientes hijos pelearon desnudos por hacerla independiente y feliz; y vosotros, Mexicanos, ¿no recibiréis con los brazos abiertos a unos hermanos valientes que en medio de las inclemencias pelearon por vuestro bien? ¿no empañareis vuestra generosidad en vestir a los defensores de vuestras personas, de vuestros bienes, y que os redimieron de la esclavitud quitándoos del cuello el yugo ominoso que agobió a nuestros mayores, y que a nosotros nos constituía tan infelices como ellos lo fueron?...”.*

4 Sabe-se que, com o passar dos dias, fizeram-se distintas coletas para vesti-lo dignamente. Diferentes documentos falam dos donativos que foram arrecadados para vestir o exército (ver: Archivo Miscelánea Histórica, 1807-1830, Fondo Xi-3, Centro de Estudios Históricos Carso).

ção foram ganhando distintas expressões, entre as quais podemos indicar a construção de heróis e a escolha de datas.

Neste texto, me proponho a analisar a construção inicial de um culto cívico. Mostrar a maneira pela qual se integraram à consciência pública a ideia de *México*, os heróis, as datas e os atos mais representativos da Guerra de Independência. Almejo referir por quais meios se foram incorporando à memória coletiva dos mexicanos com o fim de fixá-los no calendário e nos relatos históricos. E expor como se lançou mão da palavra oral e impressa como um recurso para reforçar um ideal, a independência, e para recordar a atuação dos que em curto espaço de tempo se tornaram heróis na gesta libertária.

OS IMPRESSOS

A palavra impressa se converteu em uma grande aliada para tornar patente esta nova condição e para instaurar sua versão da guerra. Impressos variados eram dedicados ao tema, discursos e sermões eram escritos para homenagear os que haviam lutado ou trabalhado pela independência.

Periódicos, sermões, catecismos, calendários e folhetos diversos deixavam ver em seus títulos e em seus conteúdos a nova realidade, a do México independente. Falavam de seu significado, sinalizavam em seus cabeçalhos com o novo nome do país, ou aludindo à cidadania; faziam referência às façanhas da guerra, aos grandes homens e aos esforços que fizeram para vencê-la.



Anônimo, *Solemne y pacífica entrada del Ejército de las Tres Garantías a la Ciudad de México el día 27 de septiembre del memorable año de 1821*, ca. 1822, Museo Nacional de Historia



Anônimo, *Entrada del generalísimo don Agustín de Iturbide a México el día 27 de septiembre de 1821*, século XIX, Museo Nacional de Historia



Anônimo, *Entrada triunfante de Iturbide a la Ciudad de México con el Ejército Trigarante el día 27 de septiembre de 1821*, século XIX, Museo Nacional de las Intervenciones

Já não havia retorno, o México se assumia independente e devia ser percebido assim pelos habitantes, fazendo-os conscientes disso todos os dias, ratificando a independência não unicamente como uma visão política, mas indicando e comemorando aquelas datas e aqueles atores importantes que se pensavam indispensáveis para convencer a todos dessa nova realidade, em que pesem os problemas políticos que logo surgiram na cena pública.

A comemoração dos primeiros caudilhos da independência se instaurou em plena luta insurgente. Desde 1812, Ignacio López Rayón, nos *Elementos constitucionales*, demarcou o 16 de setembro como um dia solene. A celebração foi levada a cabo em Huichapán com uma missa, “[...] na qual predicou o doutor brigadeiro Francisco Guerrero, tendo havido luzes, serenatas e repiques [...]”, como mencionaria anos mais tarde o político conservador Lucas Alamán (1792-1853) em sua *Historia de Méjico*. Ali, aproveitou para observar que “[...] nesta ocasião se publicou mais tarde um manifesto que foi enviado a Rayón desde a [Cidade] do México, em que se apresentavam todos os acontecimentos ocorridos até então de uma maneira tão contrária à verdade, que parece ter sido o prelúdio do que se escreveu depois [...]”⁵ (Alamán, 1850, iii, pp. 207-8).

5 No original: “[...] en la que predicó el doctor brigadier Francisco Guerrero, habiendo habido iluminación, serenatas y repiques [...]”; “[...] Con esta ocasión se publicó más adelante un manifiesto que le fue remitido a Rayón de Méjico, en que se presentan todos los sucesos ocurridos hasta entonces de una manera tan contraria a la verdad, que parece haber sido el preludio de lo que se ha escrito después [...]”.

Alguns impressos que foram escritos e publicados na primeira década de vida independente nos servirão de exemplo para abordar a imagem que se queria oferecer aos ouvintes ou aos leitores, homens e mulheres, mexicanos e estrangeiros, sobre o passado imediato, sobre a guerra que possibilitou o surgimento do México, com seus principais atores, com suas memoráveis façanhas.

DE TÍTULOS, SERMÕES, CALENDÁRIOS E DISCURSOS: ITURBIDE OU HIDALGO?

Uma vez terminada a guerra, o novo país começou a reorganização política que, em verdade, representou um grande desafio, dado que rapidamente os distintos grupos políticos começaram a perfilar sua ideia de país e a lutar para dominar o âmbito público. Por outro lado, a paz significou a volta à normalidade naqueles territórios afetados pela luta insurgente. Vale assinalar aqui que na capital, a Cidade do México, e em outros pontos do território não se havia perturbado tanto a ordem, embora o temor da guerra fosse sempre uma ameaça.

Se algo se percebe neste novo tempo é a necessidade de concretizar uma ideia: a alusão constante ao país que começava a se construir, independente da Espanha. A referência ao México e aos mexicanos foi uma constante e uma necessidade urgente que devia alcançar todos os habitantes para que compreendessem paulatinamente a nova condição do país. Por isso, a imprensa se converteu em veículo de transmissão dessa nova situação.

Os títulos dados aos periódicos deixavam para trás a ideia de Nova Espanha para assumir a de México e a de mexicano. Assim vemos, por exemplo, diários com nomes como *Gaceta del Gobierno Imperial de México* (1821-1823), *El Fanal del Imperio Mexicano* (1822), *La Águila Mexicana* (1823-1828), *Gaceta del Gobierno Supremo de México* (1823), *El Centzontli* (1822), *Diario Liberal de México* (1823), títulos que vão marcando o pulso político do país, que vão difundindo pelo território a nova condição ou que vão assumindo traços particulares da nação, como sua fauna.

São os títulos que também difundem a ideia do México independente, como império ou república, como federação ou centralismo, com uma visão liberal ou tradicionalista. Buscam-se palavras que reflitam a aspiração dos que estão por trás dos impressos e da situação política do país. Por exemplo, *El Federalista* (1823), *Indicador Federal* (1825), *El Correo de la Federación Mexicana* (1828), *Diario Liberal de México* (1823), *El Observador de la República Mexicana* (1827-1830), *La Bandera de Anáhuac o el Patriota Sanjuanista*, *Periódico de Mérida de Yucatán* (1827-1828), rubricas que logram impactar um território que vai mais além da capital – centro político e lugar onde se imprimiam os jornais – considerando-se a circulação que tiveram.

Embora esses impressos alcançassem somente uma pequena parcela da população – os leitores interessados na vida política e cultural do México, da Europa e dos Estados Unidos –, sua presença cotidiana incidiu necessariamente em um círculo maior, que assumiu de alguma

maneira essa ideia de *México*⁶, pois “[...] existiram diversos níveis de leitura dos periódicos, o nível privado, por parte dos ilustrados; o nível de leitura de pequenos círculos ilustrados onde se dava o debate real em torno do que se publicava; e finalmente o nível público que se realizava nas ruas e praças”⁷ (Pérez, 2015, p. 166). Seus conteúdos refletiram a nova realidade do país oferecendo as notícias mais importantes acerca da situação nacional, com os debates no interior das câmaras ou referindo as principais problemáticas do novo país ou das províncias e, mais tarde, dos estados, ou fazendo referência às festividades cívicas, entre muitos outros temas.

Embora o país já fosse independente e a vida pública cobrasse uma importância central, muitas práticas às quais a população estava habituada não mudaram, apenas se ajustaram aos novos tempos. Os sermões podem ser um bom exemplo disso. Sua missão recaiu “em ensinar, deleitar e comover”, como definiu frei Diego de Estella. Segundo Herrejón (2003, p. 11), os sermões “constituem um fenômeno histórico e literário – apresentando um desenvolvimento ligado às circunstâncias de cada época – e integram

6 Os pregões dos folhetos e da imprensa, por exemplo, assim como a leitura em voz alta, foram veículos para referenciar a ideia de *México* e para incidir na mudança de denominação de Nova Espanha para México.

7 No original: “[...] existieron diversos niveles de lectura de los periódicos, el nivel privado, por parte de los ilustrados; el nivel de lectura de pequeños círculos ilustrados donde se daba el debate real en torno a lo que se publicaba; y finalmente el nivel público que se desarrollaba en calles y plazas”.

ao lado da catequese e da homilia uma das formas da predicação cristã...”⁸.

Assim se passou no México da década de 1820, ao longo da qual encontramos diversas peças destinadas a refletir e aplaudir a nova situação, agradecendo ao exército *trigarante* “pela feliz conclusão de nossa suspirada Independência”⁹. Nesses sermões, se fazia alusão ao abuso que a Espanha impunha a seus colonos e se apresentava Fernando VII como um tirano; neles, os males que causou a Espanha empurraram a busca pela liberdade. Pois “[...] um descuido absoluto para o progresso destas províncias fertilíssimas, e um estudo particular para evitar sua ilustração e indústria, colocando travas contínuas a essas utilíssimas artes”¹⁰ foram o que prevaleceu ao longo de três séculos. Uma visão negativa da antiga Metrópole, com um rei distante, ignorando “tudo de nossa triste situação”¹¹. Uma posição que atacava os liberais com seu ideário e seu ódio à religião, um olhar contra a Espanha jacobina, afrancesada. Um reconhecimento da independência que libertava os americanos e que Deus confiava:

“[...] dentre todos os filhos da América, ao grande, ao glorioso, ao religiosíssimo D. Agustín de Iturbide para que tirasse deste

povo as pesadas correntes com as quais se achava escravizado, e nos pusesse em feliz liberdade [...]. Empunhou, pois, sua espada, se uniu a outros fortíssimos guerreiros e todos se ofereceram a morrer por esta empresa; percorreram os povoados e cidades de nosso continente e, favorecidos pela mão divina, conseguiram em apenas sete meses fazer feliz e encher de bens a sua pátria [...]. Viva, pois, a Independência, que nos assegura nossa existência religiosa, política e mesmo moral” (García Diego, 1822, pp. 3, 9, 10, 24-5)¹².

Contudo, diante do fracasso do império e da morte de Iturbide, ao lado de muitos outros fatores que conspiraram contra ele, o entusiasmo por sua figura decresceu, enquanto a de Miguel Hidalgo (1753-1811) ressurgiu com maior ímpeto. Afinal, um havia começado a guerra e o outro a havia terminado. Duas figuras que se contrapunham, um insurgente e o outro realista, seguiriam confrontando-se ao longo do tempo.

O padre Hidalgo, iniciador de uma luta que seguiram aqueles que buscavam um caminho melhor,

“[...] restabeleceu à nossa pátria seus direitos, quebrou nossas correntes, arran-

8 No original: “en enseñar, deleitar y conmovier”; “constituyen un fenómeno histórico y literario – en tanto presentan un desarrollo ligado a las circunstancias de cada época – e integran junto a la catequesis y la homilía, una de las formas de la predicación cristiana”.

9 No original: “por la feliz conclusión de nuestra suspirada Independencia”.

10 No original: “[...] un descuido absoluto para el progreso de estas provincias feracísimas, y un estudio particular para evitar su ilustración e industria poniendo trabas continuas a estas utilísimas artes”.

11 No original: “todo de nuestra situación triste”.

12 No original: “[...] de entre todos los hijos de la América, al grande, al glorioso, al religiosísimo D. Agustín de Iturbide para que quitara a este pueblo las pesadas cadenas con que se hallaba esclavizado, y nos pusiese en libertad dichosa [...] Empuñó pues su espada, se unió a otros fortísimos guerreros y todos se ofrecieron morir por esta empresa; recorrieron los pueblos y ciudades de nuestro continente y favorecidos de la divina diestra consiguieron en solo siete meses hacer feliz y colmar de bienes a su patria [...]. Viva pues la Independencia que nos asegura nuestra existencia religiosa, política e aun moral”.

cou o jugo que por três séculos pesou sobre nós [...] no memorável dia 16 de setembro de 1810. Dia venturoso, tu foste o princípio de nossas alegrias; tu foste o mais belo que houve para nós na ordem dos tempos; que estejas gravado eternamente em nossos corações, que o ancião caduco ao expirar te repita, que o menino balbuciente quando começar a mover sua tenra língua, a primeira palavra que articule seja Religião e Independência [...], que a jovem humilde, ao recordar a cena que nos deste, derrame lágrimas virtuosas de prazer; que todos, todos nós entoemos cânticos de alegria e gratidão ao Deus dos mexicanos” (San Juan Crisóstomo, 1828, pp. 2, 3, 9, 10)¹³.

As palavras que se lançavam entre os muros das igrejas deviam exercer um forte impacto; os ouvintes, os religiosos e os fiéis ficavam impregnados dos termos “independência”, “liberdade”, “pátria”, de frases contra a Espanha ou dos nomes que se repetiam vez e outra como responsáveis por uma gesta, como forjadores do México. Paulatinamente, iam-se fixando na memória coletiva aquelas façanhas que se deviam reco-

nhecer, os fatos a se condenar, os nomes a destacar, as datas a celebrar.

Daí os calendários – produzidos “[...] então como a literatura popular por excelência, já que eram de utilidade durante todo o ano, mesmo para os que não sabiam ler (pois as gravuras davam conta das fases lunares), para além de seu baixo custo [...] e de sua ampla distribuição”¹⁴ – transformarem-se em um meio eficaz para a ilustração e para a difusão das novas datas cívicas (Herrera, 2010, pp. 15-16).

Depois da independência, esses livrinhos baratos e acessíveis a um grande público agregaram aos habituais conteúdos dos tempos coloniais novos elementos, que enriqueceram suas páginas, como foram as composições religiosas, as gravuras que acompanhavam as pequenas leituras, a moda que ditava a Europa, as notícias históricas, e alguns traziam até mesmo partituras. E, como ocorreu com outro tipo de impressos, estes também aludiram à guerra insurgente e o fizeram de diversas maneiras.

Setembro ganhou uma grande importância porque no dia 16 desse mês, do ano de 1810, teve início a luta pela liberdade e 11 anos depois, em 27 do mesmo mês, Iturbide era recebido na capital do país como o consumidor da independência. Dois momentos, dois homens, dois ideais, duas tendências políticas se distinguiriam a partir das datas e das ações e, por isso mesmo, continham uma carga

13 No original: “[...] restableció a nuestra patria sus derechos, rompió nuestras cadenas, arrebató el yugo que por tres siglos habíamos arrastrado. [...] en el memorable día diez y seis de septiembre de mil ochocientos diez. Día venturoso, tú, fuiste el principio de nuestras dichas; tú fuiste el más bello que ha habido para nosotros en el orden de los tiempos; que tú estés grabado eternamente en nuestros corazones, que el anciano caduco al espirar te repita, que el niño balbuciente cuando comienza a mover su tierna lengua, la primera palabra que articule sea la de Religião e Independencia [...] que la joven sencilla al recordar la escena que nos deste, derrame lágrimas virtuosas de placer; que todos, todos nosotros entonemos cânticos de alegría y de gratitud al Dios de los mejicanos”.

14 No original: “[...] entonces como la literatura popular por excelencia, ya que eran de utilidad durante todo el año, aun para quienes no sabían leer (pues los grabados daban cuenta de las fases lunares), además de su bajo costo [...] y de su amplia distribución”.

ideológica que se identificava ou com os liberais ou com os conservadores. Para uns, Miguel Hidalgo devia ser o herói por excelência, como iniciador do movimento insurgente, ao passo que, para os tradicionalistas, devia ser o soldado realista Agustín de Iturbide, o qual havia logrado consumir a independência.

Um dos escritores mais conhecidos, José Joaquín Fernández de Lizardi (Pensador Mexicano), logo assumiu a tarefa de confeccionar calendários (1824 e 1825) e neles incorporaria marcos históricos que considerou fundamentais para o leitor. O pequeno livro iniciava-se com a apresentação de uma alegoria da nação mexicana seguida de “Notas cronológicas”, que começam com a criação do mundo e incorporam, para o leitor, a ideia de *México*, remontando à fundação do Império Mexicano, em 1327, conquistado por Hernán Cortés em 1521. Em seguida, as Notas trazem o “Primeiro grito de independência [...] dado pelo Generalíssimo cidadão Miguel Hidalgo y Costilla” e, depois de sua morte, “Agustín de Iturbide deu o segundo grito de independência no povoado de Iguala, em 24 de fevereiro de 1821”¹⁵ (Pensador Mexicano, 1823, p. 11). O editor tem interesse em indicar as datas fundacionais do novo país; considera um passado remoto, mas se preo-

cupa com um presente que anuncia um futuro promissor. Não marca setembro para Iturbide, mas fevereiro, quando este firmou o chamado Plano de Independência para a América setentrional.

A novidade desse calendário de 1824 reside na incorporação, nos distintos meses do ano, das ações gloriosas em que lutaram ou perderam a vida os insurgentes. Destaca, por meio de pequenas gravuras, os personagens protagonistas da guerra de independência e, por meio de uma breve nota, os fatos que ele considerava fundamentais para a memória histórica mexicana.

Não importava o rosto de quem havia participado, mas os episódios em que haviam atuado. Daí os personagens em questão serem representados de maneira muito parecida, podendo o leitor identificar o herói não por sua fisionomia, mas por sua participação na luta pela independência. Em suas páginas, também associa o mês de setembro à memória de Hidalgo, de Iturbide e daqueles outros heróis cujos restos mortais foram conduzidos “com a maior pompa e solenidade” à capital¹⁶ (Pensador Mexicano (1), 1823, p. 51).

Para o ano seguinte, de 1825, Lizardi publicou um novo calendário, “dedicado às senhoritas americanas, especialmente patriotas”¹⁷. Já o título revelava o interesse pelas mulheres e em lhes oferecer um material que as fizesse sentirem-se parte da nova nação. Em sua introdução, faz referência àquelas que lutaram pela pátria, que tiveram ideais a defender. São

15 No original: “*Primer grito de independencia [...] dado por el Generalísimo ciudadano Miguel Hidalgo y Costilla; Agustín de Iturbide dio el segundo grito de independencia en el pueblo de Iguala el 24 de febrero de 1821*”. A essas datas seguiam outras: a entrada do exército *trigarante*, em 27 de setembro de 1821; a instalação do *Soberano Congreso*, em 24 de fevereiro de 1822; a proclamação de Iturbide como imperador, em 19 de maio de 1822, e outras mais.

16 No original: “*con la mayor pompa y solemnidad*”.

17 No original: “*dedicado a las señoritas americanas, especialmente patriotas*”.

apresentadas às leitoras com a justificativa de seu “patriotismo” e “valor”. As notas históricas se enriquecem com a atualização da vida política, saudando a federação, a Constituição e os novos personagens que mudaram o rumo político. Por sua parte, as gravuras tinham a mesma finalidade, mostrar as façanhas dos homens que se distinguiram na gesta libertária, mas, sobretudo, destacar a atuação de algumas mulheres¹⁸ (Pensador Mexicano (2), 1825). Tem a finalidade de ser um calendário com ensinamentos históricos e patrióticos, com pequenas narrativas de acontecimentos protagonizados por mulheres nas guerras de independência.

Dessa maneira, Lizardi abriu as portas para uma inovação. Além de introduzir as datas cívicas como parte do calendário, incorporou uma visão histórica que, através de seus relatos ou das gravuras, buscava dar sentido às façanhas que deviam ser recordadas pela população, conferindo um novo alento aos impressos menores. Lizardi também se mostrou conciliador ao contemplar tanto Hidalgo como Iturbide.

Mas foram os discursos cívicos que referendaram, desde muito cedo, a prevalência de algumas datas e de alguns personagens em detrimento de outros: Miguel Hidalgo e o início da luta insurgente em oposição a Agustín de Iturbide e à consumação da independência. Os discursos da primeira década de vida independente consagram o 16 de setembro como um dia glorioso para recordar a façanha levada a cabo pelo cura de Dolores.

Isso se associou à mudança na vida política, ao fracasso do império e à morte de Iturbide. O triunfo da república federal pode ser lido como a paulatina conquista de uma visão liberal que se empenhou em reconhecer o início da gesta com Miguel Hidalgo e enterrar a figura de Iturbide. Estabeleceu o 16 de setembro como a data a ser celebrada e não o desenlace da guerra, embora este tenha significado a independência. O culto aos primeiros caudilhos se consolidou nessa primeira década de vida independente e, por mais que houvesse quem buscasse resguardar a memória de Iturbide, sua imagem foi se eclipsando frente à arremetida liberal que ia ganhando espaços na vida política do país.

Ao longo desses anos, os discursos em torno de Hidalgo reuniram os habitantes nas praças públicas. Ali, escutavam com atenção os louvores ao iniciador da guerra, ao dia glorioso em que, unidos e sob a liderança do cura de Dolores, se denunciou o mau governo e se abriu caminho para a liberdade. Essas páginas escritas *ex profeso* para um ato público ganharam uma coloração especial, pois representavam a inauguração de um culto formal aos heróis que iniciaram a gesta pela independência, deixando de lado a atuação de Iturbide como consumidor da guerra.

Alamán, historiador identificado com uma visão conservadora, ofereceu uma explicação a respeito, ao escrever anos depois sua *Historia de Méjico*:

“O fato de terem sido nomeados membros do Poder executivo Victoria e Guerrero foi efeito da mudança favorável para os antigos insurgentes, que produziu o triunfo da revolução contra Iturbide.

18 Cada mês contém uma epígrafe, as quais enaltecem as mulheres e as exortam a estudar, a ser patriotas.

Todos, com raras exceções, eram seus inimigos, e os que dirigiram o movimento contra ele necessitaram se unir àqueles [antigos insurgentes], lisonjeando-os ao lhes atribuir todo o mérito pela independência, para fazer esquecer que esta se devia a Iturbide e assim tirar aos olhos do povo o seu motivo principal de afeto por ele. Tal foi a origem da grande importância que desde então se começou a dar à festa do 16 de setembro, fazendo cair em desuso a do dia 27 do mesmo mês, que, embora estabelecida pela mesma lei que a primeira, não voltou a ser celebrada até que o general D. Anastasio Bustamante entrou no governo como vice-presidente, em 1830, sendo coisa verdadeiramente prodigiosa que o exército que havia feito a independência renunciasse por espírito partidário a sua glória, até deixar que se transferisse aos inimigos que havia combatido, e que a mesma geração que assistiu a todos esses acontecimentos pudesse ser enganada de tal maneira que tenha chegado a crer no contrário do que viu. Esse resultado se explica, porém, considerando-se que as leis, os objetos materiais que se apresentaram à vista do povo, os discursos pronunciados em público nas ocasiões solenes, os historiadores parciais ou preocupados, a imprensa, todos contribuíram para a porfia, para causar e sustentar o engano, e daqui provém que a grande festa nacional não apenas tenha por objeto celebrar uma falsidade, mas também seja um ato, todos os anos repetido, de ingratidão, atribuindo a glória de ter feito a independência aos que não a mereceram, para privar dela aquele a quem é devida por justiça, reiterando

contra a memória de Iturbide a ofensa que então se fez a sua pessoa.

Como consequência desses princípios, o congresso aprovou o parecer da comissão de prêmios que havia sido apresentado antes de sua dissolução e, por decreto de 19 de julho de 1823, declarou: ‘bons e meritórios os serviços feitos à pátria nos onze primeiros anos da Guerra de Independência, e beneméritos em grau heroico Hidalgo, Allende, D. Juan Aldama, Abasolo, Morelos, Matamoros, D. Leonardo e D. Miguel Bravo, D. Hermenegildo Galeana, Jiménez, Mina, Moreno e Rosales’; mandaram escrever seus nomes em letras de ouro no salão de sessões do Congresso; levantar monumentos a sua memória nos lugares em que foram executados; e exumar seus cadáveres nos casos em que puderam ser achados para serem conduzidos à [Cidade] do México, fazendo-lhes no dia 17 de setembro um magnífico funeral na catedral, à cuja pompa assistiram muitos dos que os haviam mandado fuzilar. Seus ossos foram depositados na abóbada do altar dos Reis e as duas chaves de prata da urna que os continha foram entregues, uma ao presidente do Congresso, para que a guardasse no arquivo deste, e a outra ao [presidente] do Poder Executivo, que a colocou no Ministério de Relações. Aos nomes que, por aquele decreto, inscreveram-se no salão de sessões, agregaram-se depois por outros [decretos] diversos os de Barragán, Múzquiz, Victoria e Ramos Arizpe, o segundo, na verdade, com bem pouco motivo, e em virtude de suas faculdades extraordinárias, o General Santa Anna fez incluir também os de Guerrero e de Ignacio Rayón. No meio

de todos, por disposição do Congresso, colocou-se o de Iturbide e o sabre que trazia consigo quando entrou na [Cidade] do México” (Alamán, 1885, t. iv, pp. 582-5)¹⁹.

O culto aos primeiros caudilhos foi se consolidando. Não obstante, as duas datas, o início ou a consumação da independência, se mantiveram no ambiente político e se identificaram ou com a visão liberal ou com a conservadora, deixando claro que não se podia falar de uma perspectiva unívoca. As duas facções, federalistas e centralistas, liberais e conservadoras, republicanas e monarquistas, enfrentaram-se ao longo do século XIX e apelaram a seus heróis como parte da contenda ideológica. Hidalgo ficou ao lado do primeiro bando, ao passo que

Agustín de Iturbide foi acolhido pelos conservadores. E o que Fernández de Lizardi havia querido instaurar como duas datas a se comemorar em igualdade de circunstâncias, como uma homenagem justa aos dois personagens principais, foi se radicalizando ao longo do século em duas visões distintas, cada uma pertencente a uma facção política, a uma ideia de país, à veneração de determinados heróis.

À MANEIRA DE CONCLUSÃO

Esses exemplos constituem uma pedagogia cívica que vai moldando a memória coletiva e consolidando o nome do país, o adjetivo “mexicano”, as datas a comemorar,

19 No original: “El haber sido nombrados individuos del Poder ejecutivo Victoria y Guerrero, fue efecto del cambio favorable para los antiguos insurgentes, que produjo el triunfo de la revolución contra Iturbide. Todos, con alguna muy rara excepción, eran enemigos de éste, y los que dirigieron el movimiento contra él, necesitaron unirse a aquellos, lisonjeándolos con atribuirles todo el mérito de la independencia, para hacer olvidar que ésta se debía a Iturbide y quitar así a los ojos del pueblo el motivo principal del afecto que le tenía. Tal fue el origen de la grande importancia que desde entonces se comenzó a dar a la fiesta del 16 de septiembre, haciendo caer en desuso la del 27 del mismo mes, que aunque establecida por la propia ley que la primera, no se volvió a celebrar hasta que entró en el gobierno como vice-presidente en 1830 el general D. Anastasio Bustamante, siendo cosa verdaderamente prodigiosa, que el ejército que había hecho la independencia, abjurase por espíritu de partido su gloria, hasta dejar que se trasladase a los enemigos que había combatido, y que la misma generación que vio pasar todos estos sucesos, pudiese ser engañada de tal manera, que haya llegado a creer lo contrario de lo que vio. Pero este resultado se explica, atendiendo a que las leyes, los objetos materiales que se presentaron a la vista del pueblo, los discursos pronunciados en público en las ocasiones solemnes, los historiadores parciales o preocupados, la imprenta, todos han contribuido a porfía, a causar y sostener el engaño, y de aquí ha provenido que la gran fiesta nacional no sólo tenga por objeto celebrar una falsedad, sino que sea un acto todos los años repetido de ingratitud, atribuyendo la gloria de haber hecho la independencia a los que no la merecieron,

para privar de ella a aquel a quien es debida de justicia, reiterando contra la memoria de Iturbide, el agravio que entonces se hizo a su persona. En consecuencia de estos principios, el congreso aprobó el dictamen de la comisión de premios que había sido presentado antes de su disolución, y por decreto de 19 de julio de 1823, declaró: ‘buenos y meritorios los servicios hechos a la patria en los once primeros años de la guerra de independencia, y beneméritos en grado heroico a Hidalgo, Allende, D. Juan Aldama, Abasolo, Morelos, Matamoros, D. Leonardo y D. Miguel Bravo, D. Hermenegildo Galeana, Jiménez, Mina, Moreno y Rosales’; mandáronse escribir sus nombres en letras de oro en el salón de las sesiones del congreso; levantar monumentos a su memoria en los lugares en que fueron ejecutados; y exhumar sus cadáveres en los casos que pudieron ser hallados para ser conducidos a México, haciéndoseles el 17 de septiembre un magnífico funeral en la catedral, a cuya pompa ocurrieron muchos de los que los habían hecho fusilar. Sus huesos se depositaron en la bóveda del altar de los Reyes, y las dos llaves de plata de la urna que los contenía, se entregaron a la una al presidente del congreso para que se guardase en el archivo de éste, y la otra al del Poder ejecutivo, la que se puso en el ministerio de relaciones. A los nombres que por aquel decreto se inscribieron en el salón de sesiones, se han agregado después por otros diversos, los de Baragán, Múzquiz, Victoria y Ramos Arizpe, el del segundo a la verdad con bien poco motivo, y en virtud de las facultades extraordinarias, el general Santa Anna hizo poner también los de Guerrero y D. Ignacio Rayón. En medio de todos se colocó por disposición del congreso, el de Iturbide y el sable que llevaba cuando entró en México.

os heróis a venerar e os fatos a registrar no calendário – que agrega os dias de guardar, os relacionados com o passado imediato e com o novo tempo independente.

A comemoração da independência, com seus símbolos e discursos, representou, no final das contas, duas ideias de nação. Por um lado, a republicana, que repudiava o passado colonial e acusava a Espanha inquisitorial, opressora, injusta, que impediu o progresso e a ilustração dos *novohispanos*, com Miguel Hidalgo como herói. Por outro, a conservadora, que aceitava a Espanha como

uma mãe protetora, com seus legados, a religião católica e o valor do castelhano como cimentos do novo país; a que consentia a existência de foros e privilégios e assumia a monarquia como uma possibilidade, com Agustín de Iturbide como herói.

É, enfim, o início de uma construção simbólica que duraria muitos anos e que lograria consolidar no altar da pátria aqueles que representavam os ideais dos liberais que, posteriormente, triunfaram e alcançaram a concretização de um imaginário fundado em torno de um herói.

REFERÊNCIAS

ALAMÁN, L. *Historia de Méjico*, tomo iii. México, Imprenta de J. M. Lara, 1850, pp. 207-8.

ALAMÁN, L. *Historia de Méjico*, tomo iv. México, Imprenta de Victoriano Agüeros, 1885, pp. 582-5.

AYROLO, V. "El sermón como instrumento de intermediación cultural. Sermones del federalismo cordobés, 1815-1852", in *Nuevo Mundo. Mundos Nuevos*, 2009.

Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/57521>. Acesso em: 2 de junho de 2021.

GACETA DEL GOBIERNO de México. "El Primer Jefe del Ejército Imperial de México". México, 25 de setembro de 1821.

GARCÍA DIEGO, F. *Sermón que en la solemnísima función que hizo este Colegio de N.S. de Guadalupe de Zacatecas por la feliz conclusión de la Independencia del Imperio Mejicano*. Guadalajara, Imprenta de D. Mariano Rodríguez, 1822, pp. 3, 9, 10, 24, 25. Disponível em: <https://biblioteca.mora.edu>. Acesso em: 3 de junho de 2021.

HERREJÓN PEREDO, C. *Del sermón al discurso cívico*. México, 1760-1834. Zamora, El Colegio de Michoacán/El Colegio de México, 2003. [Citado por Valentina Ayrolo. "El sermón como instrumento de intermediación cultural. Sermones del federalismo cordobés, 1815-1852", in *Nuevo Mundo. Mundos Nuevos*, 2009.] Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/57521>. Acesso em: 2 de junho de 2021.

- HERRERA, L. *Calendarios de José Joaquín Fernández de Lizardi 1824-1825. Presentación*. México, Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2010.
- PENSADOR Mexicano (José Joaquín Fernández de Lizardi) (1). *Calendario histórico y pronóstico político para el año bisiesto de 1824*. México, Se hallará en la oficina donde se imprime, que es la del autor, 1823. [Edição facsimilar: México, Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2010.]
- PENSADOR Mexicano (José Joaquín Fernández de Lizardi) (2). *Calendario para el año de 1825. Dedicado a las señoritas americanas, especialmente a las patriotas*. México, Oficina de Mariano Ontiveros, 1824. [Edição fac-similar: México, Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2010.]
- PÉREZ, S. S. "La influencia de la prensa en el proceso de independencia de México". *Revista de Historia Americana y Argentina*, v. 50, n. 1, 2015, p. 166. Disponível em: https://bdigital.uncu.edu.ar/objetos_digitales/7732/07-perezstocco-rhaya-v50n1.pdf. Acesso em: 12 de junho de 2021.
- SAN JUAN CRISÓSTOMO, Fr Manuel de. *Sermón que en la solemne acción de gracias con que la ciudad de San Luis Potosí celebró el grito de Dolores, pronunció en la iglesia parroquial [...] el 16 de septiembre de 1828*. San Luis Potosí, Imprenta del Estado en Palacio a cargo de Ladislao Vildosola, 1828. Disponível em: <https://biblioteca.mora.edu.mx/>. Acesso em: 3 de junho de 2021.
- TERÁN, M. "Atando cabos en la historiografía del siglo XX sobre Miguel Hidalgo y Costilla". *Historias*, 59. México, Dirección de Estudios Históricos-Instituto Nacional de Antropología e Historia, set.-dez./2004, pp. 23-43. Disponível em: https://www.estudioshistoricos.inah.gob.mx/revistaHistorias/wp-content/uploads/historias_59_00-20.pdf. Acesso em: 28 de maio de 2021.